

Do escuro do nosso tempo: ou, seis notas sobre como sobreviver ao tempo do “fim” em “Bucólico Marginal” (2020), de Esther Almeida e Luis Maria

From the dark of our time: or, six notes on how to survive the "end" time, in "Bucólico Marginal" (2020), by Esther Almeida and Luis Maria

Lindomberto Ferreira Alves

Mestre em Teoria e História da Arte (PPGA/UFES)

Artista-educador, pesquisador, crítico e curador independente

Amanda Amaral

Licenciada em Artes Visuais (UFES)

Artista-educadora, pesquisadora, crítica e curadora independente

Resumo: O presente ensaio levanta algumas reflexões pontuais sobre o tempo corrente. Para tanto, toma-se, aqui, como mola propulsora os registros imagéticos e discursivos que compõem a série “*Bucólico Marginal*” (2020), des artistes Esther Almeida e Luis Maria – que vieram à público recentemente através da exposição virtual “*Do escuro do nosso tempo*”. Flertando com diferentes linguagens estes artistes expõem em seus trabalhos uma tendência pulsional em operar uma poética autobiográfica, urdida no entrecruzamento da escuta aos processos cotidianos com suas próprias narrativas de vida. A série em questão é composta por 10 fotografias produzidas a partir de imagens-correspondências trocadas entre Esther Almeida e Luis Maria durante os meses iniciais da pandemia de COVID-19, entre maio e junho, num deslocamento des artistes de volta para suas cidades de origem. Nesses termos, se por um lado este texto traz para o campo do visível e do dizível uma reflexão sobre as possibilidades de experimentações artísticas na atualidade e seus desdobramentos nos processos de criação, produção e circulação em tempos de refreamento social; por outro, ao trazer para o cerne da visualidade registros de Esther Almeida e Luis Maria que manifestam e condensam reflexões estéticas, sociológicas e subjetivas em torno do tempo que vivemos, este texto se constitui como uma oportunidade para pensarmos duas questões que se apresentam como urgentes quando o tempo vivido assume as dimensões do mundo: como viver o tempo que vivemos? Ou, ainda, sendo este, o tempo que vivemos, o tempo do “fim” – para não perder de vista os ultimatoss do pensamento indígena contemporâneo, em autores como Davi Kopenawa e Ailton Krenak – como sobreviver a ele? Longe de qualquer pretensão em respondê-las, nossas reflexões buscam lembrar, ao modo de Esther Almeida e Luis Maria, que se faz urgente “seguir se aventurando nesse fim de mundo. O nosso fim do mundo”.

Palavras-chave: Tempo; Arte Contemporânea; Isolamento Social; Pandemia.

Abstract: The present essay raises some punctual reflections about the current time. For this purpose, it takes, here, as a propelling spring, the image and discursive registers that

make up the series "Bucolic Marginal" (2020), by the artists Esther Almeida and Luis Maria - who recently came to the public through the virtual exhibition "Do escuro do nosso tempo". Flirting with different languages, these artists show in their works a pulsional tendency to operate an autobiographical poetics, warped in the intertwining of listening to daily processes with their own narratives of life. The series in question is composed of 10 photographs produced from images-correspondences exchanged between Esther Almeida and Luis Maria during the initial months of the COVID-19 pandemic, between May and June, in a displacement of the artists back to their home cities. In these terms, if on the one hand this text brings to the field of the visible and the tellable a reflection on the possibilities of artistic experimentation today and its unfolding in the processes of creation, production and circulation in times of social restriction; on the other hand, by bringing to the core of visuality records of Esther Almeida and Luis Maria that manifest and condense aesthetic, sociological and subjective reflections around the time we live, this text is an opportunity to think about two issues that present themselves as urgent when the time lived takes on the dimensions of the world: how to live the time we live? Or, still, being this the time we live, the time of the "end" - not to lose sight of the ultimatums of contemporary indigenous thought, in authors like David Kopenawa and Ailton Krenak - how to survive it? Far from any pretension in answering them, our reflections seek to remember, in the way of Esther Almeida and Luis Maria, that it is urgent "to continue venturing into this end of the world. Our end of the world".

Keywords: Time; Contemporary art; Social Isolation; Pandemic.